

CAPÍTULO 7

**Ensino de Língua Russa para
brasileiros: diálogos com a
pragmática linguística**

João Pedro Cirino Marques
Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

DOI: [10.52788/9786589932314.1-7](https://doi.org/10.52788/9786589932314.1-7)

Visão geral do estudo

A comunicação humana é um processo dinâmico, que envolve o intercâmbio e a construção de conhecimento e de cultura. Em geral, as interações objetivam a cooperação mútua e a proteção das imagens (face) dos falantes (GOFFMAN, 1976; GRICE, 1975; BROWN e LEVINSON, 1987; LEECH, 2014). Ao evitarem atos de fala que visem a atacar a imagem (face) do outro, por exemplo, os falantes também visam à harmonia necessária para a própria manutenção do fluxo comunicativo (BROWN e LEVINSON, 1987; LEECH, 2014).

O conhecimento contextual sobre a comunicação é também forjado pela situação comunicativa em si e é baseado não apenas “no que dizemos”, mas também no “como dizemos” (AUSTIN, 1962; GOFFMAN, 1976; BROWN e LEVINSON, 1987). Trata-se de regras ligadas à adequação da fala às expectativas do interlocutor, bem como os componentes linguísticos associados ao Trabalho de Face e à Polidez, que devem ser enfatizadas no ensino de línguas estrangeiras.

De acordo com Oliveira e Carneiro (2020), é importante que os materiais didáticos possam entrelaçar as noções de contexto, participantes, situação de comunicação e graus de (in)formalidade, com o intuito de desenvolver a proficiência dos alunos. Esses princípios também são cruciais para promover o reconhecimento dos aspectos discursivo-pragmáticos e culturais essenciais no ensino de línguas.

Especificamente no caso da língua russa, a marcação de graus de (in)formalidade é um tema fundamental desde o primeiro contato com o idioma, fazendo-se presente desde um simples “Como vai você?”. Não é de se estranhar que, ao final da primeira aula, os alunos terminem se perguntando o porquê de o professor lhes passar um conjunto de “frases úteis”, sempre apontando algumas como formais e outras como informais. Veja o exemplo a seguir:

Здравствуйте [zdrástvuite] – Oi (formal)

Привет [priviét] – Oi (informal)

Как Вас дела? [kak vas dilá] – Como vai você? (formal)

Как тебя дела? [kak tibiá dilá] – Como vai você (informal)

Diante desse panorama, e da carência de material didático comunicativamente situado em língua russa, o objetivo deste capítulo é relatar uma experiência de ensino de língua russa para brasileiros, conduzida de forma pragmaticamente situada, em um curso de idiomas de nível A1.1 (iniciante), realizado entre abril e julho de 2021, no formato remoto. Os alunos participantes tinham idades entre 18 e 56 e vinham de diferentes cursos de graduação, tais como Letras, Sociologia, Matemática e Turismo.

Para situar o ensino de russo em uma perspectiva comunicativa e socialmente relevante (PENNYCOOK; SINFREE, 2019), selecionamos o ato de fala “elogio”, observado por meio de um contínuo (in)formalidade na língua russa.

Graus de (in)formalidade em língua russa

Enquanto González e Salles (2020) definem o russo como uma das línguas mais desafiadoras para ser aprendida por brasileiros, devido ao alfabeto cirílico, segrillo (2013) complementa que “se balbuciar algumas palavras pode ser animador, aprender realmente a língua é bem difícil”, devido ao sistema de casos, demonstrado por meio de declinações, também presente em línguas como o latim e o alemão.

Para além da dificuldade no uso dos casos, a formalidade e a informalidade, sobretudo nos pronomes pessoais, pode ser um tópico trabalhoso para o aluno iniciante. A gramática russa determina que sempre que nos dirigirmos à segunda pessoa (singular ou plural),

deve ser observado o contexto em que o ato de fala acontece e o tipo de relação entre os interlocutores (Balakaya, 2001).

Em português, para marcar em uma frase uma relação de respeito, já que o uso do pronome pessoal “vós” caiu em desuso há cerca de dois séculos, é necessário recorrer aos pronomes de tratamento (senhor, senhora, por exemplo). Vejamos uma comparação entre os pronomes em russo e português:

Pronomes pessoais em russo	
я [iá]	eu
ты [tí]	tu (informal)
он [on]	ele
она [aná]	ela
оно [anó]	neutro
мы [m'i]	nós
вы/Вы [v'uí]	vocês/Vós (formal)
они [aní]	eles/elas

Fonte: Própria (2021).

Como forma de ilustrar o sistema pronominal e de tratamento em russo, imagine que você está no centro de uma cidade russa e; ao não conseguir encontrar determinado local, decida se dirigir a uma pessoa que está ao seu lado e pedir-lhe uma informação. Nesse exato momento, você deve optar por “ты” ou “вы/Вы” seguindo alguns critérios (Karavanova, 2006):

- tipo de situação (formal, informal, semiformal);
- o grau de conhecimento entre os interlocutores (desconhecido, pouco conhecido, conhecido);
- características do emissor e do receptor (homem ou mu-

- lher, chefe ou subordinado, mais velho ou mais jovem, etc.);
- atitude em relação ao interlocutor (respeitosa, neutro-educada, familiar).

Provavelmente, um dos pronomes, o de uso informal, seria logo descartado. Ainda assim, caso a pessoa aparente ser de sua mesma faixa etária, é possível arriscar de imediato o uso de “ты” desprezando tantos itens para a escolha do pronome. Ao se dirigir a duas pessoas deve-se empregar o “вы” (letra minúscula), com a possível tradução “vocês” ou “os senhores/as senhoras”, o que pode provocar múltiplos erros em atividades de alunos principiantes (Petrova e Mendonça 2015). O uso de “Вы” (agora com letra maiúscula), empregado desde o século XVIII após a reforma ortográfica promovida por Pedro, o Grande, é reservado às conversas mais formais e somente utilizado quando nos referimos a uma única pessoa.

Na fala, não há diferença em relação à “вы”, visto que as declinações e a concordância verbal se dão da mesma forma, mas basta a aplicação de um exercício escrito para que as dificuldades dos alunos fiquem aparentes. “Вы говорите по-русски?” (V’ui gavarít’e pa russki), que a depender do contexto, pode ser “Vocês falam russo?” ou “O senhor/A senhora fala russo?” acaba tendo sua tradução erroneamente feita por não ter o contexto bem observado em razão da ortografia.

Diante desse breve panorama sobre o quadro pronominal russo e seus graus de (in)formalidade, passaremos à seção seguinte, em que a relevância desses componentes linguísticos será observada do ponto de vista da Polidez Linguística.

Trabalho de Face e Teoria da Polidez

O trabalho de face (*facework*) contempla um conjunto de atitudes linguísticas e não-linguísticas, realizadas pelo falante, com a finalidade

de “reivindicar seus valores sociais, ou para manter sua autoimagem de forma considerada satisfatória para a interação” (Goffman, 1976, p. 65). Ao revisitarem o conceito de face, Brown e Levinson (1987) propuseram uma análise mais sistemática do fenômeno. Nessa perspectiva, os Atos Ameaçadores de Face (FTA - *Face Threatening Acts*) têm importância central e podem ser classificados de acordo com o tipo de face ameaçada (à face ou à face negativa). Por exemplo, ordens e comandos ameaçam a face negativa do ouvinte e, se recusados, podem ameaçar a face positiva do solicitante. Críticas atacam a face positiva do ouvinte. De forma semelhante, agradecimentos e elogios podem ameaçar a face negativa do falante, pois incorporam ao ato de fala a noção de um débito reconhecido (Oliveira e Carneiro, 2020). Em suma, a face positiva está ligada ao desejo de pertencimento e de aceitação social, enquanto a face negativa relaciona-se à liberdade e à não imposição.

De acordo com Cunha e Oliveira (2020), a abordagem de Brown e Levinson (1987) reafirma a importância de três variáveis, associadas ao reconhecimento dos princípios de polidez: 1) a distância social de falante e ouvinte (relação simétrica/horizontal); 2) o poder relativo de falante e ouvinte (relação assimétrica/vertical); 3) o ranqueamento do grau de imposição do FTA em cultura específica. A distância social, especificamente, trata do grau de intimidade ou de familiaridade entre falante e ouvinte. Por exemplo, a distância é maior entre desconhecidos e menor entre colegas.

O chamado “poder do ouvinte e do falante” (Brown e Levinson, 1987) representa o grau com que um pode impor seus próprios desejos ou seus julgamentos ao outro. A origem desse poder reside na quantidade de capital econômico (dinheiro e bens materiais) ou simbólico (beleza, cultura, inteligência, sabedoria, títulos, brasão etc) que um dos interlocutores ostenta. De acordo com Cunha e Oliveira (2020), essa variação afeta a escolha das estratégias linguísticas referentes à polidez positiva (mitigação da agressão à autoimagem)

e à polidez negativa (mitigação da invasão ao território ou de sua exposição) a serem empregadas na interação (WATTS, 2005; LEECH, 2014). As relações de Polidez também são determinantes do grau de comprometimento envolvido na troca comunicativa, além de acentuarem (ou de mitigarem) o emprego de maior ou de menor indiretividade nas interações. Nessa perspectiva, a indiretividade serve para atenuar atos de fala ameaçadores e para reforçar o sentimento de grupo.

Especificamente no caso de elogios, foco deste estudo, os componentes ligados à face (ou à imagem pública) tendem a variar em diferentes culturas e contextos. Quando empregados como estratégia de trabalho de face, os elogios atuam de modo preventiva, diminuindo o grau de ameaça de uma potencial ameaça de face. Segundo Kerbert (1989) e Boyle (2000), os elogios podem ser considerados explícitos quando “são reconhecidos como elogios fora do contexto, sendo realizados por um conjunto de expressões convencionais” (BOYLE, 2000, p. 39), por exemplo, pelo uso de predicativos.

Elogios explícitos são realizados linguisticamente por meio de sentenças declarativas que podem ser afirmativas ou exclamativas (“Eu gostei muito dessa música”, ou “Que linda essa música!”, por exemplo, Oliveira e Marques, 2021). Pode-se observar, ainda, a escolha lexical limitada de verbos sensoriais (gostar, amar, adorar), bem como de adjetivos avaliativos (lindo, legal, fantástico) que caracterizam os elogios.

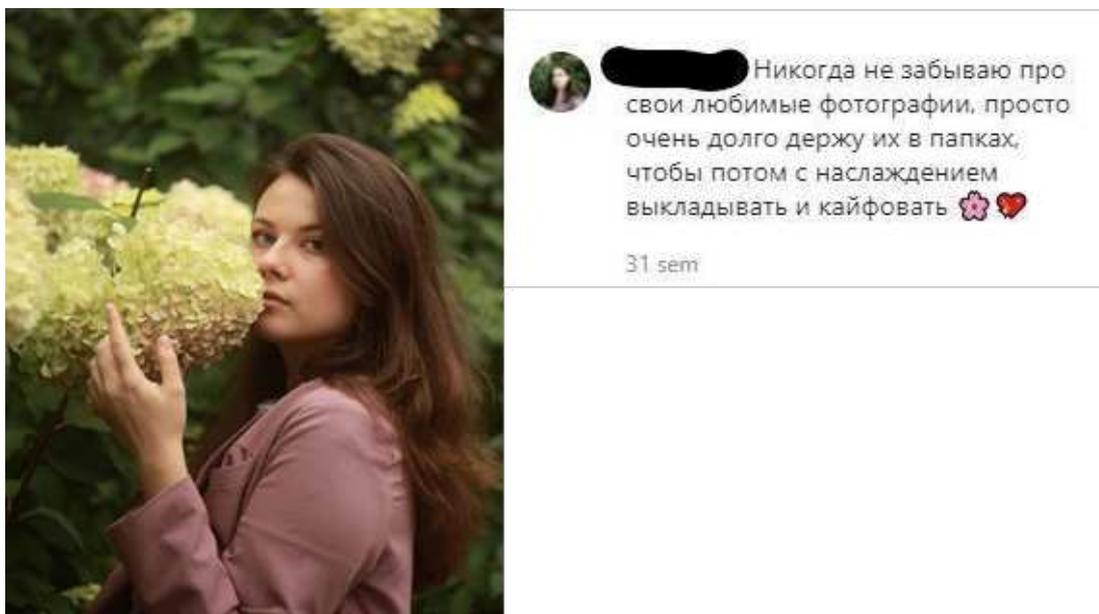
Os elogios são tipicamente classificados como atos enriquecedores de face (Kerbert, 1989), no entanto, tendo em vista o grau de proximidade entre interlocutores, eles podem também se converter em uma ameaça à face negativa do destinatário, que pode se sentir constrangido, ou envergonhado (Boyle, 2000,; Kerbert, 1989).

Para ilustrar a relevância de uma abordagem Pragmática no ensino de Língua Russa, apresentamos, na próxima seção, um recorte de uma atividade de sala de aula, elaborada visando ao uso

social e autêntico da língua estrangeira (Pennycook e Sinfrey, 2019). Entendemos que esse uso esteja também voltado a situações de interação digital e, por isso, o recorte foi feito pela seleção de *posts* da rede social Vkontakte, escolhida para esse fim por ser a rede social com maior número de seguidores na Rússia. Os *posts* selecionados foram retirados de perfis públicos de figuras famosas, com grande número de seguidores.

Exemplo de atividade didática de um curso de língua russa

Enunciado: você está no Instagram, se depara com a seguinte imagem e legenda (tradução abaixo) e precisa responder ao post com algum comentário. O que você escreveria?



(Fonte: Instagram/Reprodução)

Tradução livre da postagem: Nunca esqueço das minhas fotos preferidas, apenas as guardo em pastas por muito tempo, para depois poder divulgá-las com prazer e curtir.

Objetivo da atividade: Criação de comentários a partir de imagens do Instagram.

Tópico linguístico-pragmático enfatizado: concordância entre os pronomes, verbos e/ou adjetivos, bem como os graus de (in)formalidade.

Público-alvo: A1.1 (iniciantes)

Comentário 1

“Ты действительно очень прекрасная!” (Você está muito linda mesmo!)

O aluno p1, autor do comentário 1, fez um elogio direto à figura presente na imagem, utilizando-se do pronome “ты”, reforçado pelo advérbio de intensidade “muito”. Trata-se de um comentário classificado como um elogio explícito (Kerbert, 1989; Boyle, 2000). Por essa razão, sua recepção poderia causar constrangimento, devido à não proximidade entre os interlocutores. A escolha pela informalidade pode ter sido tomada com base na idade do autor do comentário (jovem de menos de 20 anos), assim como no contexto informal que a internet sugere.

Comentário 2

“Какая кошка!” (Que gata!)

Neste comentário, podemos inferir que, caso obrigatoriamente tivesse que utilizar um pronome em seu comentário, o aluno p2, autor do comentário 2, teria optado por aquele que demonstra maior proximidade entre os interlocutores (ты), uma vez que o substantivo “gata” se configura em uma gíria popular para “mulher bonita”. É interessante observar também que o destinatário poderia não compreender bem o elogio, pois, na Rússia, a figura associada à beleza feminina é o coelho (зайца). O comentário associa-se à polidez positiva (Brown e Levinson 1987; Leech, 2014), ligada ao pertencimento social e à valorização da imagem do outro.

Comentário 3

“Милая, какая чудесная фотография! Вы очень красивая!”

(Querida, que foto maravilhosa! Você está muito bonita!)

Ao contrário dos alunos p1 e p2, que definem bem as relações de (in)formalidade, o autor do comentário 3 mescla informalidade e formalidade, pois usa marcadores gramaticais de ambas. Além disso, o comentário percorre um caminho inverso ao da aproximação entre interlocutores, ao ser iniciado com “Querida”, adjetivo informal e presente em conversas entre amigos e familiares, seguido de “Вы”, na segunda oração. Esses elementos caracterizam a distância e a informalidade como constitutivos do ato de fala elogio, constante do comentário (Brown e Levinson, 1987).

Comentário 4

“Я делаю то же самое с моими фотографиями. У тебя очень красивые волосы!” (Eu também faço o mesmo com as minhas fotos. Seu cabelo está muito lindo!)

Nesse comentário, o aluno p4, autor do comentário 4, enseja uma relação de proximidade, ao empregar o pronome тебя (declinação de ты no caso genitivo) para fazer um elogio enriquecedor (Kerbert, 1989).

Comentário 5

“Что за цветы?” (Quais flores são essas?)

O comentário 5, apesar de não apresentar especificamente um elogio, pode ser interpretado como informal, pela ausência de marcação com um pronome. Ademais, diante dos costumes russos de se manter uma formalidade entre os interlocutores em um primeiro contato (onde espera-se um mínimo de distanciamento), podemos classificá-lo também como um ataque a face negativa do interlocutor, pois o excesso de informalidade pode causar ofensa e ser considerado como uma invasão do espaço psicológico (Leech, 2014) do outro. Esse aspecto é também identificado pelo emprego de uma pergunta direta, contendo baixo grau de indiretividade (Watts, 2005).

Como podemos observar pelos exemplos constantes na atividade didática relatada nesta seção, os alunos tiveram a oportunidade de integrar conhecimentos gramaticais a uma situação real de uso, em que a (in)formalidade na língua russa foi o foco de atenção. Ao produzirem esses comentários em situação de sala de aula, acredita-se que os alunos estão melhor preparados para a interação real em língua russa, quando desejável.

Ao final da atividade, como forma de *feedback*, foi feita uma explicação aos alunos sobre as escolhas feitas, bem como sobre os possíveis efeitos pragmáticos por elas causados. Essa discussão colaborou para a consciência linguística dos alunos e também serviu de fórum para uma reflexão sobre diferentes aspectos culturais, ligados às relações de proximidade em diferentes culturas, por exemplo, a brasileira e a russa. Ressalta-se ainda, como já apontado anteriormente, a carência de material didático em língua russa destinado a situações comunicativas autênticas. Esse aspecto motivou a elaboração dessa atividade, como forma de propiciar aos alunos uma prática linguística contextualmente situada.

Considerações finais

O exemplo de atividade didática apresentado neste texto centrou-se no ensino de pronomes, associado aos graus de (in)formalidade em língua russa e à Polidez, particularmente no caso do ato de fala “elogio”. Essa centralidade coteja a importância de considerar os elementos associados às expectativas do interlocutor e à Polidez no ensino de línguas estrangeiras. Nesse sentido, entendemos que os objetivos pragmáticos, ligados à situação comunicativa e à interação significativa, foram cumpridos na atividade relatada.

Por fim, o que pretendemos com este relato de atividade didática é argumentar a favor da necessária interface entre ensino de gramática e aspectos pragmáticos e comunicativos. Dito isso, ressaltamos que as formas linguísticas são motivadas por funções sociais emergentes do contexto situacional e do objetivo comunicativo (Halliday e Matthiessen, 2013), estando, pois, a serviço da comunicação autêntica.

Referências

- AUSTIN, John L Langsha. *How to Do Things with Words*. Clarendon: Oxford, 1962.
- BOYLE, 2000 Ronald Boyle “You’ve worked with Elizabeth Taylor!”: phatic functions and implicit compliments *Applied Linguistics*, 21 (1) (2000), pp. 26-46.
- BALAKAYA. Gramota. Ru. *Как писать ВЫ и ВАШ – с прописной или со строчной буквы?*. 2001. <http://new.gramota.ru/spravka/letters/51-rubric-88>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- BOYLE, R. . ‘You’ve Worked with Elizabeth Taylor!’: Phatic functions and implicit compliments. *Applied ijel.ccsenet.org International Journal of English Linguistics* Vol. 9, No. 6; 2019 75 *Linguistics*, 21(1), 26-46, 2000. <https://doi.org/10.1093/applin/21.1.26>
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: Some universals in language usage*. Vol. 4. Cambridge university press, 1987.
- CUNHA, G. X., & Oliveira, A. L. A. M. (2020). *Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema* (Theories of linguistic im/politeness: revisiting the state of the art for a theoretical contribution on the topic). *Estudos Da Língua(gem)*, 18(2), 135-162. <https://doi.org/10.22481/el.v18i2.6409>
- CULPEPER, J. *Impoliteness: using language to cause offense*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- GOFFMAN, Ervin. *La mise en scène de la vie quotidienne: les relations en public*. v. 2. Paris: Les éditions de minuit, 1983.
- GRICE, Paul H. *Logic and conversation*. 1975, p. 41-58.
- GONZÁLEZ; SALLES. Abril. *Superinteressante*. 2020. <https://super.abril.com.br/cultura/quais-as-linguas-mais-difíceis-de-aprender/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood, and Christian MIM Matthiessen. *Halliday's introduction to functional grammar*. Routledge, 2013.

LEECH, Geoffrey N. *The pragmatics of politeness*. Oxford University Press, USA, 2014.

KARAVANOVA. N. B. *Говорите правильно!: Курс русской разговорной речи (для говорящих на английском языке)*. 6^а ed., стереотип.- М. 2006.

KERBERT, R.K. Compliment-rejection versus compliment-avoidance: *Listener-based versus speaker-based pragmatic strategies*. (1989). *Language and Communication*, n. 9. v., p. 35–47.

OLIVEIRA A. L. A. M. and Carneiro. M. M. "Produção oral nos livros de língua inglesa do PNLD: uma visão da pragmática linguística." *Letras* (2020): 587–606.

OLIVEIRA, A. L.; MARQUES, J. P. Polidez, expressão de postura e a comunicação fática: uma análise de interações em um fórum virtual. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 32, n. 62, p. 314–333, 30 jul. 2021.

PENNYCOOK, A.; SINFREE, M. *Innovations and challenges in applied linguistics from the global south*. Routledge, 2019.

PETROVA G. V.; MENDONÇA J. C. Curso Intermédio de Português (Nível B1). Moscovo: Filomatis, 2015. = ПЕТРОВА Г.В., МЕНДОНСА Жуау. Португальский язык для второго курса (Уровень B 1). М.: Филоматис, 2015.

SEGRILLO, Ângelo. *Os russos*. Editora Contexto, 2013.

WATTS, R. J.. Linguistic politeness research: Quo vadis? In: WATTS, R. J.; SACHIKO, I.; EHLICH, K. (Org.) *Politeness in Language: studies in its History, Theory and Practice*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 11–47.